



RESENHAS

DETREZ, Conrad. *Jardim do nada*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

Entre flores e dores: a trajetória de vida de Conrad Detrez presente em “O jardim do nada” (1979)

Lucas Barroso Rego (lucas.barroso@ufrj.br)

Mestrando em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

A presente resenha foi realizada a partir da leitura da obra literária intitulada *O jardim do nada* (1979), de autoria de Conrad Detrez (1937-1985). De cunho autoficcional, o autor aborda temas como a guerra, o luto e a repressão sexual, que marcaram sua infância e juventude quando esteve na Europa e na América Latina. O livro possui importância por retratar de forma autobiográfica suas experiências políticas, religiosas e sexuais no contexto do Brasil ditatorial entre os anos 1964 e 1967.

171

Nascido na Bélgica e naturalizado francês, o romancista Conrad Detrez, um dos mais importantes de seu país no período, pertenceu a uma geração europeia de escritores chamada de geração “identitaire” [identidade]. Formada na década de 1940, essa tendência literária foi marcada pelo desejo de seus autores de quebrar gêneros estabelecidos, em uma tentativa de chegar a um acordo com a história moderna (Klinkenberg, 2009; Włoczewska, 2012).

Na Europa, cresceu em um ambiente rural e católico, o que o levou a estudar teologia. Em 1962, sua busca por novas experiências o levou ao Brasil, pouco antes da instauração de uma longa ditadura. Em seu novo país, mergulhou em uma sociedade marcada por intensas transformações políticas, sociais, econômicas e culturais, o que o levou a abandonar o caminho clerical para se envolver na política revolucionária.

Com essa mudança, engajou-se na resistência clandestina contra o regime autoritário instaurado pelo golpe de 1964, participando de movimentos sociais e atividades de resistência. Capturado em 1967, foi preso, torturado e expulso do Brasil, encontrando exílio em Paris, onde se estabeleceu como escritor e difusor da literatura nacional, traduzindo obras de autores, como Jorge Amado e Antonio Callado, e promovendo a popularização de escritores brasileiros no continente europeu, como Carlos Marighella, Clarice Lispector e Carolina Maria de Jesus.

Entre 1972 e 1986, publicou onze obras. A mais importante delas foi *L'herbe à brûler* (1978), romance autobiográfico escrito em 1977 que fora marcado por referências – discretas mas claras (Quaghebeur, 2014) – ao barroco e ao picaresco que narra suas aventuras sexuais, profissionais e políticas em terras brasileiras, após seu encontro com um Brasil ditatorial. A obra diz respeito a três dimensões importantes para o autor: a política, a religiosa e a sexual.

A obra foi aclamada na Europa e mundo afora, culminando na obtenção de um prêmio *Renaudot* para o autor no dia 21 de novembro de 1978, após frustrações anteriores com o prêmio belga Victor Rossel. Um reconhecimento e tanto, pois essa é considerada a segunda premiação mais importante da literatura francesa, atrás do *Goncourt*, o mais antigo prêmio literário francês. Detrez foi o terceiro estrangeiro e primeiro belga a ser congratulado com essa honraria.

Por conta de sua aclamação, *L'herbe à brûler* (1978) foi traduzido para a língua portuguesa. Intitulada *O jardim do nada* (1979), a versão foi traduzida por Vera Teixeira Soares e lançada no final da década de 1970, deixando o autor contente com a publicação, conforme mencionado por ele em um jantar com sua amiga, a jornalista Rosa Freire D'Aguiar (2023).

172

Ao chegar no Brasil, a edição foi acompanhada por boas análises publicadas em duas revistas importantes: *Veja* e *Isto É*. Esta última reverberava a “aventura guerrilheira” do autor, conforme publicado em sua edição de 6 de dezembro de 1978. Além disso, foi resenhada e recomendada por diversos periódicos de grande e média circulação no país, com destaque para *Jornal do Brasil* (RJ), *Tribuna da Imprensa* (RJ), *A Tribuna* (SP), *Diário do Paraná* (PR), *O Pioneiro* (RS), *Jornal de Caxias* (RS) e *Diário de Pernambuco* (PE).

O primeiro capítulo de *O jardim do nada* (1979) narra a infância de Conrad Detrez. Sua primeira lembrança da vida foi uma caminhada sobre as flores entre os trilhos de uma estrada de ferro abandonada em Liège, quando tinha três anos de idade. Quem o acompanhava era seu avô, Gauthier, que o guiava pelos caminhos. herdada de seu avô, sua mãe também nutria uma paixão por paisagismo, o que fazia com que a casa da família fosse ornamentada com vasos e arranjos de flores, que eram cuidadosamente cuidados e regados.

Dias depois desse passeio, essas mesmas flores entre os trilhos, todavia, foram arrancadas do campo, os jardins foram pisoteados pelas botas de soldados e a vida começou a ser ceifada na Valônia. A Segunda Guerra Mundial chegava, dessa maneira, à sua região. Detrez (1979) narra esse momento da seguinte forma:

A guerra abateu-se sobre os campos e os caminhos alguns dias depois. Duraria
quatro verões e outros tantos invernos,
eternidades de noites de tempestade,

trazendo o fogo e explodindo, negras e gigantescas bexigas dentro das quais fervia uma sopa de ferro líquido, acima dos jardins. A guerra me destruiria quatro primaveras e forçaria minha alma a descer ao mais profundo do meu corpo, a cavar para si um esconderijo dentro dele, a ser só com ele. (Detrez, 1979, p. 11-12)

Sua primeira infância foi marcada pelo contexto da Segunda Guerra Mundial. Esses tempos belicosos causaram-lhe desespero, pânico, ansiedade e medo, sobretudo ao ter presenciado a morte trágica de seu avô no jardim de sua própria casa. Viu com seus próprios olhos, “as vísceras misturadas com lama, expostas ao vento, do avô Gautier” (Detrez, 1979, p. 12). Viveu seu enlutamento particular em meio aos tiros, às explosões e à destruição da guerra. O primeiro trauma de sua vida é datado desse período.

Com a morte de seu avô, o pequeno Conrad perdeu o encanto pelos campos. Se antes, esforçava-se para cultivar tulipas com seu baldinho, ancinho e pá, agora, só ia ao jardim, que foi encaixotado e levado ao porão, para arrancar os frutos da terra. As borboletas foram expulsas pela guerra. Sua diversão foi incendiada. Sua alegria foi bombardeada. O embate terminou oficialmente no dia 08 de maio de 1945 quando tinha exatos sete anos.

Meses depois, ao chegar na idade para catequese, o jovem foi apresentado ao universo católico por sua mãe. Em um dia qualquer, foi levado a uma igreja. Sentou-se na primeira fila e assistiu à liturgia de sua primeira missa. Ficou deslumbrado pelas roupas coloridas, cheiros fortes e gestos ritmados. Voltou mais vezes e logo encantou-se por todo esse universo brumoso. Pouco tempo depois, o pequeno Conrad já estava fazendo parte ativamente da cerimônia, ao receber do padre da paróquia vestes litúrgicas e um turíbulo fumegante para saudação aos fiéis.

Seu encanto pelo universo paroquial, porém, durou pouco. No dia seguinte à sua entrada no coro da igreja, o pequeno obreiro foi vítima de uma importunação sexual por parte do acólito dentro das dependências do templo. A violência foi mascarada sob a forma de um sermão pelo clérigo, que, tranquilamente, seguiu regendo a liturgia das missas. “A presença daquele menino a meu lado enojava minha alma. [...] Conscienciosamente eu agitava o turíbulo, mas perdera a paz.” (Detrez, 1979, p. 14).

Ao fim dessas hostilidades, Conrad herdou a paixão de sua mãe pela jardinagem. Em seu tempo livre, imitava-a e preparava mudas para plantar no jardim da família. Passou boa parte de sua adolescência cuidando de plantas e vegetais. Essa paixão por flores tornou-se uma parte indissociável de sua essência, permeando cada fase de sua vida. À medida que crescia, buscava aprofundar seus conhecimentos sobre botânica, que foram herdados por sua família.

Nesse período, passou, porém, por outra perda. Seu

pai, que trabalhava em uma marcenaria, fugiu de casa para trabalhar na África Central, após ter brigado com o avô Gauthier e sua mãe. Essa situação comoveu toda a aldeia. Preocupado com o estado da alma do pequeno Conrad, o vigário da paróquia aconselhou a sua entrada em um colégio do burgo de Saint Rémy, a fim de ser orientado no Evangelho e cuidado por padres.

Em uma tarde chuvosa, os três, em bicicletas, rumaram para esse destino. Depois de uma hora e muitos percalços no caminho, chegaram ao colégio. Entraram e conheceram os aposentos do estacionamento. Após decidir a orientação de seus estudos com o guia da escola, o adolescente ficou confinado no parlatório, enquanto o padre e sua mãe retornaram para a aldeia.

O segundo capítulo narra sua primeira experiência em um internato, retratando a complexa jornada do protagonista em busca de identidade e redenção. A repressão do desejo, a perda de amizades e a busca pela fé marcaram sua juventude e o direcionaram para o sacerdócio, deixando em aberto questionamentos sobre a repressão dos desejos e a busca pela felicidade.

O internato era dividido em dois grupos de alunos: o setor de agricultura e o de letras clássicas. Foi determinado pelo coordenador da escola que o novo ingressante pertencesse ao segundo, mesmo ele nutrindo uma vontade de fazer parte do primeiro. Dizia, “Aqui somos obrigados a escolher entre os livros e as plantas. Um muro, horários, professores, paisagens diferentes separam os adeptos da leitura e os partidários da agricultura.” (Detrez, 1979, p. 27).

Por conta dessa nova vida, passou a morar no pavilhão Justus Lipsius e recebeu o nome latinizado de Conradus Primus, por ser o único ali que possuía esse nome. Essa sua nova alcunha significava “homem probo e sábio” (Detrez, 1979). Logo de início, recebeu seis volumes para leitura imediata a partir das cinco horas da manhã. Mesmo com dificuldade, começou a aprender latim, holandês e gramática. Invés de flores e legumes, começou a viver rodeado de livros, tarefas e obrigações.

Mas não só isso. Começou a estar rodeado também de desejo. Desejo do antigo ofício familiar, pois a janela de seu quarto era voltada para a horta do prédio, na qual trabalhavam os alunos do setor de agricultura e, assim, sua vontade era instigada. E desejo carnal, porque o seu dormitório e lavatório eram ao lado dos de Leopoldus N'Dongo, um estudante congolês que começou a despertar a atração do jovem Conradus.

No fim daquele ano, elaborou uma estratégia para tentar passar para o lado dos agrícolas: fracassar propositalmente nos exames. Leopoldus adotou esse caminho, tirou zero

nas provas e, assim, foi encaminhado ao outro setor. Conradus não teve coragem de trocar a novidade dos livros pelas flores já conhecidas e, por isso, seguiu no pavilhão Justus Lipsius, mas, agora, sem companhia e sozinho. Sem nenhum amigo, transformou os estudos em seu subterfúgio, começando a ler as histórias dos livros com tanto afincamento que adoeceu.

Com o passar do tempo, acostumou-se com essa nova realidade. Recuperou sua saúde e adotou uma nova rotina: dormia de manhã e de tarde para ficar acordado à noite. Dessa forma, podia conversar clandestinamente com seu único amigo, que fugia de seu novo dormitório na madrugada para conversar rotineiramente. Com esses encontros às escondidas, conversavam sobre a vida e o futuro, o que injetou novos ânimos nos estudos gramaticais de Conradus.

Em uma das visitas noturnas, Leopoldus contou que estava apaixonado por uma camponesa da fazenda de Trois-Gués, uma aldeia vizinha da escola no qual alguns alunos escapavam de vez em quando. Enquanto o congolês contava sobre as aventuras de seu primeiro beijo, Conradus, que tinha quinze anos, deu conta que nunca havia sido atravessado tão intensamente por essa sensação, nem em sua vida e nem nos livros (Detrez, 1979).

Após tantos encontros, os dois ficantes noivaram para, futuramente, se casarem, o que fez o belga entristecer-se com receio de perder seu confidente. Dias depois, sua angústia se tornou realidade: as visitas clandestinas cessaram por determinação da noiva de Leopoldus, que tinha medo de serem pegos e expulsos da escola. De tanta tristeza, Conradus não conseguia mais ler, nem fazer seus deveres e lições. Esperava, em vão, por toda noite por seu amigo que passou a não aparecer tão regularmente. Passaram a encontrar-se raramente, sobretudo aos domingos, quando leitores e horticultores rezavam, meditavam e comungavam juntos.

Depois de tanta curiosidade e infelicidade, o jovem resolveu ir atrás das mesmas sensações vividas e narradas pelo melhor amigo. Foi apresentado por Leopoldus à Alphonsine, prima de sua noiva que estudava na escola de costura das Irmãs do Calvário, também em Saint-Rémy. Encontrou, assim, com sua pretendente nas férias, quando retornou a sua antiga aldeia. Conversaram pouco, até que ele a beijou, buscando o desejo que foi gestado há meses em seu interior. Todavia, não encontrou. “O beijo de Alphonsine apenas me fez babar” (Detrez, 1979, p. 39). Os dois nunca mais se encontraram novamente.

O pior foi quando, à noite, voltou para casa e encontrou sua mãe aos prantos pela sua fuga momentânea. Em meio a uma enxurrada de indagações, confessou o que havia feito às escondidas e suas férias ali terminaram, pois, no dia seguinte, foi mandado de volta ao colégio

para contar sua falta ao confessor. Ao chegar no internato, passou por uma sessão de penitência, o que fez sua alma entrar em suplício contra sua vontade que foi categorizada como pecado.

Após o retorno oficial das férias, em setembro daquele ano, afastou-se de Leopoldus e aproximou-se dos livros. Sua natureza era recriminada e todo o seu desejo carnal era punido constantemente pela liderança espiritual do internato, o que o fez largar seus pensamentos mais íntimos em prol da reza e da contrição. Adotou a castidade. Semanalmente, passou a confessar-se e relatar seus avanços nos estudos da religião ao pároco da escola. Em seus últimos dois anos, seu desejo mais íntimo foi a plena santificação de sua alma, a partir da penitência e da decoração dos escritos bíblicos.

Ao longo desse tempo, seu confessor viu um indício de vocação para o padroado, dado o afinco em que dedicava-se à oração e teologia. Com isso, foi indicado com estima para prosseguir seus estudos em um dos seminários vinculados à Universidade Católica de Lovaina (UCL). O vigário da aldeia e sua mãe foram convencidos da ideia pelos padres. Com o aval dos homens e de Deus, mudou de residência e ingressou no Ensino Superior, com 18 anos.

O capítulo seguinte narra a chegada de Conradus ao seminário e sua imersão em um ambiente marcado por tensões políticas e debates religiosos. As tensões entre socialistas e clérigos se intensificaram na região em que foi morar e o protagonismo se viu confrontado com dilemas que desafiaram sua visão de mundo.

O jovem Conradus tomou o trem e atravessou o país rumo ao novo capítulo de sua vida. Durante a viagem, deparou-se, entretanto, com uma agitada manifestação de homens e mulheres vestidos de preto que impediu o prosseguimento da locomotiva. O pano de fundo desse protesto era o imbróglgio criado entre socialistas e religiosos na rede escolar da região, no qual os segundos não admitiram a concorrência dos primeiros nos novos estabelecimentos de ensino. O viajante interessou-se pelo movimento que tomava as cidades e os campos de seu país.

Ficou sabendo que a cidade da sua Universidade também estava inserida nesta tensão, porém, continha uma maioria esmagadora de clérigos, o que o tranquilizou na viagem. Essa tranquilidade, porém, foi momentânea: o trem não conseguia prosseguir viagem por conta dos manifestantes, que ficavam cada vez mais violentos. Com o tempo, porém, a manifestação se dispersou e o percurso seguiu em silêncio até chegar em seu destino. Conradus saltou na estação e deslocou-se até o seminário da Universidade, que ensinava filosofia tomista e teologia.

Chegando no centro universitário, conheceu o diretor da faculdade, subdiáconos e seus futuros colegas de curso, em especial Rodrigo da Silva, um veterano brasileiro que o acolheu com segurança e cumplicidade. Com a ajuda de seu novo amigo, tentava se encontrar em meio a discussões de argumentos, batalhas de leituras, imbróglis litúrgicos e disputas interpretativas em torno do texto bíblico, que mobilizavam as energias dos corpos discente e docente. Em seus primeiros dias, a principal divergência era a melhor posição do altar: a celebração deveria ocorrer no fundo da igreja ou de frente para o povo?

Uma discussão totalmente irrisória, segundo Rodrigo, que contou para seu novo amigo sobre as divisões da América do Sul que moviam a ação dos padres contra a violência, fome, guerrilha e miséria. O brasileiro que o que estava em jogo para as Igrejas americanas eram problemas políticos incontornáveis. Um tema ainda muito distante para Conradus, que se interessava mais pelos estudos da religião, mas que, muitas vezes, passou a se ver confrontado com a política dentro da sua nova cidade, imersa em conflitos entre religiosos e socialistas.

O quarto capítulo, por sua vez, narra a crescente desilusão de Conradus com o catolicismo e a violência em Lovaina, culminando em sua decisão de partir para a América do Sul como missionário leigo. A fuga de Rodrigo para morar com outros estudantes sul-americanos aprofundou sua frustração e desamparo para com a religião na Europa, levando a considerar novos caminhos para sua vida.

Nesse meio tempo, Rodrigo, enfim, recebeu a tonsura, o que deixou seu amigo belga um pouco incomodado com a necessidade recorrente do corte típico de cabelo. Além disso, ao passo que disputas violentas cresciam na cidade, Conradus se tornava um pouco mais incrédulo e descrente com o catolicismo ensinado e praticado em Lovaina, embasado em discussões e polêmicas linguísticas. Antes de fazer seus votos, Rodrigo fugiu do seminário para morar com outros estudantes sul-americanos, deixando seu confidente ainda mais desesperançado, frustrado e desamparado com sua vida na cidade.

Com a partida de seu amigo, as manifestações recomeçaram em Lovaina, mas, agora, sob nova forma: afogamento forçado de opositores no rio Dyle. Os novos atos violentos, por sua vez, contrastavam com o céu acinzentado que pairava sobre todos na maior parte dos meses. As lideranças católicas da cidade viram esse episódio como ápice da violência, chegando a propor a capitulação dos prelados da Valônia na Universidade. Mesmo antes da decisão, Conradus estava inclinado a deixar o seminário e a faculdade. O ceticismo teológico em sua vida começou por meio das inconsistências presentes no aparato doutrinário e jurídico.

O belga seguiu o exemplo do brasileiro: a política, ainda que em intercessão com a

religião. Em sua nova vida, a mística venceu o direito canônico e os ritos. Começou a faltar às aulas, parou de estudar teologia para ler obras que iniciaram Rodrigo no mundo político e iniciou o estudo da Língua Portuguesa. Em alguns dias, decidiu seguir o mesmo destino de seu confidente: partir para a América do Sul como missionário leigo, sem, porém, qualquer vínculo com alguma instituição. Nos meses seguintes, seguiu seu novo rumo. “Parti de Lovaina como se saísse de um banheiro público, repleto de ar viciado” (Detrez, 1979, p. 83).

Os capítulos seguintes narram as experiências, ambiguidades e encontros no Brasil que foram determinantes para uma transformação radical e decisiva na vida de Detrez. Acerca dessa obra, Almeida (2019) é categórico em caracterizá-la como um “romance de aprendizagem”, no qual o seu enredo narra a trajetória do próprio autor em meio ao contexto de:

Fascínio pelo Brasil, representações do Brasil, estada inicial entusiasta, aculturação (nomeadamente pelo acesso à língua e aos ritmos), descoberta actancial de um amigo/amante exótico, oriundo das camadas pobres, contratempos/deceções/problemas, mediação diplomática (embaixada com vista ao repatriamento), e regresso ao Brasil ou relação positiva, mas serena com esse país. A isso acrescem o empenhamento (religioso ou humanitário) do escritor, uma carreira diplomática; isto é a inscrição na tradição dos escritores-diplomatas. (Almeida, 2019, p. 685)

178

Ao desembarcar em território brasileiro, narrou seu choque com a pobreza das favelas e sua participação em greves e movimentos de protesto. Nessa nova realidade, o eu-lírico descobriu seus primeiros amores homoafetivos e aceitou sua homossexualidade, além de se engajar politicamente. Todas essas fases culminaram em sua prisão, onde enfrentou a tortura antes de ser deportado do Brasil.

A sexualidade do eu-lírico, antes contida no reino da repressão de sua educação religiosa, é confrontada com a natureza inexplicável e irreprimível de sua homossexualidade. Neste romance, assim como nos anteriores, a abordagem do tema homossexual, porém, é indireta, sendo explorada por meio de alusões, ironias, descrições castas e distanciamento astuto. Mesmo não escrevendo “romances homossexuais”, o tema está presente, porque é inerente e inevitável à sua história, não em sua unicidade explícita, mas como parte de um universo mais amplo de autodescoberta do próprio autor (Almeida, 2011).

Nessa obra, o autor compartilha uma série de eventos que moldaram sua identidade ao longo da vida. O personagem-narrador relata desde a infância rural nos campos da Bélgica até sua permanência em um internato católico e em um seminário, culminando em sua chegada ao Brasil durante a época da ditadura, onde vivenciou tanto paixões sexuais quanto políticas. Todas essas experiências moldaram a personalidade e a história de vida do próprio escritor.

Em todos esses momentos, porém, o eu-lírico se via constantemente diante do “novo”, do “outro”, do “incomum” e do “estrangeiro”, tanto em relação à sua sexualidade – que contrastava com a tradição católica – quanto à sua condição estrangeira nos países em que viveu. Todavia, foi justamente o contato com toda essa *estranheza*, seguindo a perspectiva de Kristeva (1988), e a total aceitação de sua condição que moldaram sua própria identidade ao longo do tempo. O “eu” de Detrez foi, portanto, criatura de seu desencaixe, singularidade e coragem em desbravar o mundo e a si próprio (Damasceno, 2020).

Ao final da narrativa, o autor relata com uma alegria carnavalesca o retorno de seu protagonista desiludido ao seu continente de origem. Este personagem, que perambulou por anos pela América do Sul, voltou a uma Europa minada em seu zelo revolucionário. Essa volta é também acompanhada por algumas críticas à intelectualidade e à política de esquerda.

A obra vai além da simples narrativa autobiográfica ao introduzir uma análise pessoal sobre a repressão, tanto pessoal quanto institucional, especialmente no contexto de sua passagem por um internato católico, onde a busca por identidade e a repressão dos desejos foram questões centrais. A dualidade entre o amor pela jardinagem e o chamado acadêmico no seminário, somada à frustração crescente com a religião, especialmente diante das tensões políticas e ideológicas da época, apontou para uma crítica ao conservadorismo e à rigidez das instituições europeias. Desse modo, Detrez provoca reflexões sobre as falhas e limitações de tais estruturas, explorando, assim, as contradições entre fé, desejo e liberdade.

Ao narrar suas próprias atividades e as fronteiras da luta armada, a obra de Detrez foi reconhecida por abordar o desenraizamento e a ruptura do autor no campo militante brasileiro. Ainda que de cunho literário e romanesco, o livro é considerado um dos grandes trabalhos publicados no Brasil sobre a luta das esquerdas armadas, segundo Ridenti (2001).

A contribuição do autor reside em sua habilidade de narrar o seu processo de autodescoberta e enfrentamento de sua sexualidade e identidade política em um contexto de repressão, tanto pessoal quanto social. Sua obra destaca a experiência de desenraizamento e ruptura, refletindo não apenas sua história pessoal, mas também a luta das esquerdas armadas no Brasil, sendo reconhecida internacionalmente por sua autenticidade e impacto literário.

Além do português, o livro também foi traduzido para o neerlandês e inglês. Nos Estados Unidos, teve sua edição chamada de *A weed for burning* (1984) e foi publicada em Nova Iorque em 1984 pela editora Harcourt Brace Jovanovich, chegando a receber boas resenhas no *Time* e *The Village Voice*. A tradução do francês para o inglês foi realizada por Lydia Davis, tendo sido a primeira e até então a única a traduzir o autor para o idioma, de

acordo com Evans (2011).

A autenticidade e a reverberação internacional desta obra mudaram o patamar literário do escritor belga em âmbito europeu, o que levou a comparações entre romancistas clássicos de seu país. Dentre elas, um bom exemplo aconteceu meses depois quando o literato Marcel Voisin (1979), ao analisar a situação das letras francesas na Bélgica em outubro de 1979, comparou a inovação incomum de Detrez com a genialidade de Georges Simenon e Charles Plisnier, os dois escritores mais importantes da literatura belga.

Referências

- ALMEIDA, José Domingues de. Approche autofictionnelle de l'homosexualité dans l'œuvre romanesque de Conrad Detrez allusion, latence et chasteté. *Polissema*, n. 11, p. 119-130, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.34630/polissema.v0i11.3092>. Acesso em: 25 mar. 2023.
- ALMEIDA, José Domingues de. "O Brasil revelador e o exílio ambíguo em L'Herbe à brûler (C. Detrez) e La Salamandre (J.-Ch. Rufin)". In: JOBIM, José Luís; MELLO, Maria Elizabeth Chaves de; MARTIN, Eden Viana; KERMELE, Nejma (Orgs.). *Diálogos França-Brasil: circulações, representações, imaginários*. Rio de Janeiro: Makunaima, 2019. p. 677-690.
- D'AGUIAR, Rosa Freire. *Sempre Paris: crônica de uma cidade, seus escritores e artistas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.
- DAMASCENO, Taiane Meirelles. L'autre, cet étranger: une analyse de la formation identitaire du je-narrateur de L'Herbe à brûler, de Conrad Detrez (1978). In: Congrès brésilien des professeurs de français, 21., 2019, Aracaju. *Cahier de resumes* [...]. Campina Grande: Letras Raras, 2020.
- DETREZ, Conrad. *A Weed for Burning*. New York: Harcourt Brace Jovanovich: 1984a.
- DETREZ, Conrad. *Jardim do nada*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- DETREZ, Conrad. *L'herbe à brûler*. Paris: Calmann-Lévy, 1978.
- EVANS, Jonathan. *Translation in Lydia Davis's work*. 2011. 253 f. Tese (Doutorado em Filosofia), Universidade de Portsmouth, Portsmouth, 2011. Disponível em: https://pure.port.ac.uk/ws/portalfiles/portal/5921624/j_evans_phd_2011_translation_in_lydia_davis_work.pdf. Acesso em: 28 jan. 2024.
- KLINKENBERG, Jean-Marie. *Petites mythologies belges*. Bruxelas: Les Impressions Nouvelles, 2009.
- KRISTEVA, Julia. *Etrangers à nous-mêmes*. Paris: Fayard, 1988.
- MERTENS, Pierre. Conrad Detrez à la croisée des chemins. *Le Soir*, 10 fev. 1981.

QUAGHEBEUR, Marc. Amado – Detrez, la confraternização barroca? *Amerika*, v. 10, 2014. Disponível em: <https://journals.openedition.org/amerika/4973>. Acesso em: 15 jan. 2023.

RIBEIRO, Maria Cláudia Badan. Conrad Detrez: o romance como arma de combate. *Revista do Arquivo Geral da cidade do Rio de Janeiro*, n. 16, p. 233-262, 2019. Disponível em: <http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/conrad-detrez-o-romance-como-arma-de-combate>. Acesso em: 05 mar. 2023.

RIDENTI, Marcelo Siqueira. As esquerdas em armas contra a ditadura (1964-1974): uma bibliografia. *Cadernos AEL*, 2001. Disponível em: ojs.ifch.unicamp.br/index.php/ael/article/view/2497/1907. Acesso em: 25 mar. 2023.

VOISIN, Marcel. Situation des lettres françaises de Belgique. *Québec français*, n. 35, p. 51-53, 1979. Disponível em: <https://id.erudit.org/iderudit/56478ac>. Acesso em: 10 fev. 2024.

WŁOCZEWSKA, Agnieszka. *Mały leksykon pojęć i terminów frankofońskich*. Białystok: Uniwersytet w Białymstoku, 2012.

Resenhas

Recebido em: 09/06/2024.

Aprovado em: 20/09/2024.